

A GUERRA DA UCRÂNIA COMO IMPERATIVO ANTISISTÊMICO E SUAS CONSEQUÊNCIAS GEOPOLÍTICAS: O AUMENTO DA INFLUÊNCIA DO BRICS¹

Charles Pennaforte²

Introdução

A chamada Operação Militar Especial (Guerra da Ucrânia) colocada em prática pela Rússia em fevereiro de 2022, vem provocando impactos importantes na geopolítica, na economia e nas relações internacionais. As sanções econômicas promovidas pelos EUA e a União Europeia (UE), tornaram a Rússia um dos países mais sancionados do mundo.

A ideia principal dos EUA e UE com as sanções, era promover a asfixia econômica do governo de Vladimir Putin na tentativa de dificultar os objetivos de anexação definitiva da região do Donbass e, se possível, promover um *regime change* na Rússia, ainda que não declarado abertamente. Por outro lado, os países do BRICS não acompanharam o Ocidente na aplicação das sanções econômicas, bem como o chamado Sul Global apesar da grande pressão política.

Tal cenário traz uma nova perspectiva não só geopolítica como econômica: a consolidação do declínio da chamada hegemonia dos EUA (Wallerstein 2004) e a aceleração do enfraquecimento do dólar como padrão para as trocas internacionais. Processo que ainda está em sua fase embrionária como veremos no decorrer do nosso trabalho.

No que se refere às sanções econômicas, elas não se configuram

¹ Este artigo foi apresentado no XVIII Colóquio em Economia Política dos Sistemas-Mundo O cenário geopolítico global, a crise de hegemonia dos EUA e os avanços da extrema-direita: rumo ao caos sistêmico? Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 21 a 23 de outubro de 2024, e posteriormente atualizado..

² Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, Brasil. E-mail: charlespennaforte@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5623-7689>.

como um fato novo; pelo contrário remontam à Antiguidade. Exemplo é o banimento de comerciantes de Megara de Atenas em 432 a.C. com o objetivo de promover estrangulamento econômico da cidade-estado adversária. No século XX, a utilização desse mecanismo de asfixia econômica passou a ser mais recorrente. Segundo Alexander (2009), “O uso de sanções econômicas tem sido, ao longo da história, um componente integral da política externa da maioria dos estados-nação”. Sob esta perspectiva, inúmeros países sofreram ou sofrem impactos de sanções econômicas desde o século XX, como Cuba, Irã, Líbia, Coreia do Norte, Síria, Iugoslávia, Vietnã, Iraque, Afeganistão e agora a Rússia, são alguns dos principais exemplos desta forma de atuação das potências.

A ideia de que as sanções seriam uma forma eficaz para alcançar os objetivos contra os inimigos pode ser resumida pela declaração do presidente dos EUA, Woodrow Wilson, em 1919:

Uma nação que é boicotada é uma nação que está à vista da rendição. Aplique este remédio econômico, pacífico, silencioso e mortal e não haverá necessidade de força. Não custa uma vida fora da nação boicotada, mas traz uma pressão sobre a nação que, no meu julgamento, nenhuma nação moderna poderia resistir (Padover, p.108, 1942).

Contudo, ao longo do tempo foi observado que os seus impactos eram maiores sobre as populações mais vulneráveis do que efetivamente sobre os governos, bem como as consequências sobre as nações não envolvidas diretamente nas sanções, que também sofriam os chamados “efeitos colaterais”.³ Em 1997, Kofi Annan, o ex-Secretário Geral das Nações Unidas, reconheceu isso em seu relatório para a ONU. Mesmo com as sanções “inteligentes” também conhecidas como “direcionadas”, ou seja, com objetivos específicos sobre determinados setores e pessoas, principalmente após o 11 de setembro, mostra-se que os impactos ainda são elevados sobre as populações mais vulneráveis. Mais recentemente, em 2021, a Alta Comissária da ONU para os Direitos Humanos e ex-presidente do Chile, Michelle Bachelet, conclamou a uma reavaliação sobre o uso das sanções econômicas que impactam os direitos humanos.

De modo geral, as sanções econômicas como um mecanismo para punir regimes que desafiam o Ocidente têm sido analisadas por especialistas

3 Os países que mantinham relações comerciais com a nação que passou a sofrer a sanção perde a capacidade de mantê-las, ou seja, perde o seu mercado.

ao longo do tempo. Podemos citar brevemente Kimberly Ann Elliott (1997), por exemplo, que analisou o sucesso ou não das sanções econômicas impostas, em especial, pelos EUA. E cuja conclusão não apontava para um percentual elevado de sucesso. Além dos trabalhos de Peter A.G. van Bergeijk (2021), David Cortright e George A. Lopez (2000, 2002) e Kern Alexander (2009), entre outros, os quais todos, sob variadas perspectivas, procuram explicar o uso e a forma do mecanismo.

Deste modo, a perspectiva defendida pelo Ocidente de utilizar as sanções como mecanismo para desestabilizar regimes classificados como hostis aos interesses dos EUA não vem conseguindo obter sucesso no caso russo. Ou até mesmo nos outros casos já mencionados.

O objetivo deste trabalho é analisar a Operação Militar Especial na Ucrânia como ponto de partida para importantes transformações geopolíticas (o surgimento de possíveis novos centros de poder que desafiarão o eixo Washington-Bruxelas), econômicas (o avanço na diminuição do dólar como moeda hegemônica nas trocas comerciais, a chamada desdolarização, já em curso entre vários países BRICS com a utilização de moedas nacionais entre seus membros) e o possível papel do BRICS como ator geopolítico relevante, além da pouca efetividade das sanções econômicas contra a Rússia.

Denominamos essas transformações como **imperativo antissistêmico**, a saber: a resposta do país afetado (ou grupo de países afetados de maneira organizada ou não), a tais ações originadas pelo Ocidente que acabam por modificar e/ou colaborar para tal mudança com reflexos geoeconômicos importantes no médio e longo prazo.

Para a compreensão do leitor, assinalamos que o “sistema” é o atual Ciclo Sistêmico de Acumulação (Arrighi 1996), liderado pelos EUA, também sob o ponto de vista geopolítico. Deste modo a atuação antissistêmica ocorre contra a liderança dos EUA sem a necessidade de romper ou alterar a atual dinâmica do sistema-mundo visto que, por exemplo, alguns países se beneficiam do atual processo em curso.

Observamos que grandes atores geopolíticos globais (China e Rússia) investem esforços na ampliação e aprofundamento do BRICS, cada um com seus objetivos estratégicos específicos.⁴ Avaliamos que a partir conflito russo-ucraniano os EUA não possuem mais a capacidade de exercer a influência de maneira efetiva como antes sobre parte da comunidade internacional para

4 Beijing vem procurando expandir sua atuação geoeconômica por meio do Cinturão e Rota da Seda enquanto a Rússia vê o agrupamento como uma plataforma importante para não ficar isolada pelo Ocidente no cenário internacional. Ambos os países acreditam na multipolaridade como forma de enfraquecer o poder ocidental.

impor seus objetivos econômicos, geopolíticos e estratégicos como antes.⁵

Por meio de análise qualitativa de leitura especializada na temática sobre as sanções econômicas e seus impactos, de compilação de informações jornalísticas oriundas de segmentos econômicos (economistas, analistas, etc.) que se dedicam ao tema e por meio de um processo de revisão do material, buscaremos responder às seguintes indagações no decorrer do trabalho: o conflito russo-ucraniano contribuiu para a aceleração do consenso do BRICS e do chamado Sul Global no processo de diminuição da importância do dólar como única moeda de troca comercial internacional? O aumento da influência do BRICS em seu formato Plus agrega impacto geopolítico e econômico maior do que antes a partir do conflito?

Utilizaremos como base teórica a Análise dos Sistemas-Mundo (ASM), cujo enfoque é o enfraquecimento da hegemonia dos EUA (Wallerstein 2004; Pennaforte 2020), que vem permitindo a contestação das diretrizes tradicionais de Washington no que tange a obter apoio da comunidade internacional aos seus interesses. Sob o ponto de vista econômico, utilizaremos o conceito de Ciclos Sistêmicos de Acumulação (Arrighi 1996), atualmente liderado pelo EUA. Contudo, este Ciclo está em processo de declínio/transição para outro ainda não definido e cuja característica é o enfraquecimento/declínio do poderio econômico estadunidense.

A perspectiva antissistêmica será utilizada para examinar como o conflito na Ucrânia colabora para a criação de um novo cenário geoeconômico. Assim, desenvolveremos nossa abordagem analítica da atuação de países que procuram combater diretamente (Proativa) – como a China, Rússia, Coreia do Norte e Irã, por exemplo –, ou indiretamente (Ativa) – como Brasil, Índia e África do Sul –, a atuação imposta pelo Ocidente de manter o seu domínio no cenário internacional.

Para responder a estas questões, o trabalho é dividido em quatro partes: na primeira, definimos nossa abordagem teórica sob a perspectiva antissistêmica. Na segunda, abordamos a Guerra da Ucrânia como imperativo antissistêmico. Na terceira parte, analisamos o processo de desdolarização e suas dificuldades no médio prazo – porém, fenômeno já em curso em função das sanções contra a Rússia – e, finalmente, abordaremos o aumento da importância do BRICS com a sua versão plus.

Este artigo argumenta que as sanções econômicas contra a Rússia aceleraram a importância do afastamento dos países BRICS do dólar

5 As ilusões do Ocidente: não há como parar as transformações geopolíticas em curso. Le Monde Diplomatique Brasil. 13/09/2023. Disponível em: <<https://diplomatique.org.br/as-ilusoes-do-ocidente-nao-ha-como-parar-as-transformacoes-geopoliticas-em-curso/>>

americano ao demonstrar o quanto é perigoso depender somente de uma moeda para fazer transações comerciais, sinalizando uma transformação significativa nas ordens econômicas e geopolíticas globais.

Atuação Antissistêmica: uma perspectiva de análise

Em 2013 no livro *Movimentos Antissistêmicos na América Latina: o caso venezuelano*,⁶ utilizamos pela primeira vez essa abordagem antissistêmica inspirada na obra de Immanuel Wallerstein, Terence K. Hopkins e Giovanni Arrighi (1989), para tentar compreender a liderança do então mandatário venezuelano Hugo Chávez em sua atuação não só regional como internacional durante o seu período à frente do Palácio Miraflores.

Mais tarde (Pennaforte 2020) aprofundamos a análise para uma visão mais ampla das Relações Internacionais. Nossa meta era fazer uma leitura da atuação de países que não aceitam mais a lógica de poder emanada dos países centrais sob a realidade pós-Guerra Fria, tendo como pano de fundo o declínio hegemônico dos EUA e, simultaneamente, o processo de transição do atual Ciclo Sistêmico de Acumulação para outro ainda não definido que não será controlado por Washington (Wallerstein 2004; Arrighi 1996).

Sob a perspectiva antissistêmica procuramos compreender as atuais disputas geoeconômicas e dividimos algumas nações em dois grupos: Proativos e Ativos. Pelo lado Proativo estão localizados a Rússia, Irã, Coreia do Norte e China, por exemplo. Esses países, denominados de “Eixo do Mal”, possuem um enfrentamento mais efetivo contra a atuação do Ocidente e são combatidos de maneira constante pelo eixo Washington-Bruxelas em várias áreas.

Do lado Ativo encontramos países como Índia, Brasil, África do Sul, etc. Este grupo atua de maneira “diplomática” nos principais fórum internacionais, defendendo a multipolaridade, o multilateralismo, o “fim das hegemonias” etc., e mantém o bom relacionamento com as potências sistêmicas (Ocidente), sem assinalar uma postura antiocidental. O atual cenário interestatal pode ser compreendido também por esse processo.

Usando a perspectiva antissistêmica, examinaremos agora como eventos geopolíticos recentes, particularmente o conflito na Ucrânia, exemplificam os desafios à ordem global estabelecida.

6 Uma adaptação da tese de doutorado com o mesmo título defendida por nós no Instituto de Relaciones Internacionales (IRI) da Universidad Nacional de La Plata, Argentina.

A Guerra da Ucrânia e seus impactos geopolíticos: um imperativo antissistêmico

O conflito, iniciado em fevereiro de 2022 com a segunda invasão da Ucrânia (em 2014 Moscou havia invadido e anexado a península da Crimeia), marcou um turning point importante na disputa geopolítica entre EUA/União Europeia (doravante Ocidente) e Rússia. As ações de grande envergadura por parte do Ocidente contra a Rússia – a saber: milhares de sanções sobre praticamente todos os setores de sua economia⁷ e agentes políticos⁸ – e o banimento do país do sistema SWIFT (Society for Worldwide Interbank Financial Telecommunications), não conseguiram afetar a liderança de Vladimir Putin. Ao contrário: o apoio popular à “Operação Militar Especial” é grande na Rússia.⁹

Apesar da pouca efetividade contra Moscou (enfraquecimento e/ou estrangulamento econômico do governo Putin), tais ações pela sua amplitude e consequência podem provocar mudanças significativas no quadro geopolítico e econômico internacional, se configurando no que chamamos de “imperativo antissistêmico”: a resposta do país afetado (ou grupo de países afetados) à tais ações acaba por modificar e/ou colaborar para tal mudança com reflexos importantes no médio e longo prazo.

A atuação de países contrários à manutenção de uma ordem internacional comandada pelo Ocidente com a defesa de um mundo multipolar e “sem hegemonias” de ordem financeira e geopolítica, configura uma atuação antissistêmica. Entendemos aqui como “Sistema” a lógica geopolítica e econômica liderada pelo Ocidente na busca e/ou manutenção de seus privilégios.

A Guerra da Ucrânia como imperativo antissistêmico se deu pela mobilização gerada no centro sistêmico contra a Rússia e vem gerando alguns efeitos colaterais geopolíticos como o aumento da cooperação entre Moscou e Beijing, por exemplo, além da perda de capacidade de Washington em exercer pressão sobre inúmeros países para isolar a Rússia. De modo geral, o conflito Rússia versus Ocidente vem criando condições mais favoráveis para a

7 As sanções congelaram e tornaram fundos russos inacessíveis pelo governo russo. Ver mais em <https://www.consilium.europa.eu/en/policies/sanctions-against-russia/>. Acesso em 25/08/2024.

8 Existem mais de 2300 sanções contra pessoas e entidade russas. <https://www.consilium.europa.eu/en/policies/sanctions-against-russia/>. Acesso em 25/08/2024.

9 Aprovação de Putin na Rússia é de 81%, contrapondo Ocidente. <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/aprovacao-de-putin-na-russia-e-de-81-contrapondo-ocidente/> 28/06/2023. Acesso em 31/08/2024.

cooperação mais intensa dos países Proativos e abrindo caminho para atuação dos Ativos também.

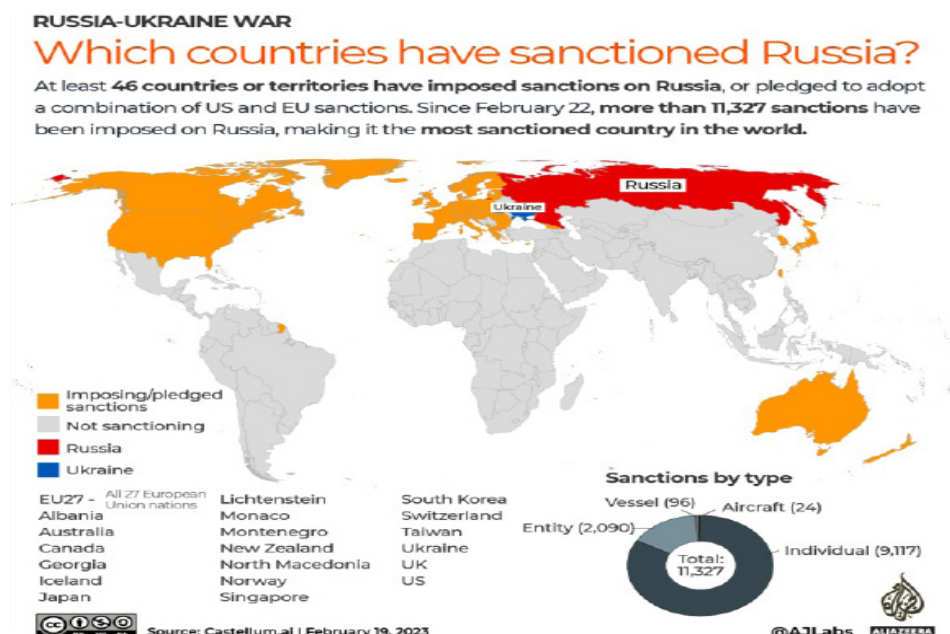
As mudanças geopolíticas resultantes do conflito na Ucrânia não apenas alteraram a dinâmica do poder, mas também provocaram uma reavaliação urgente da ordem econômica global, particularmente em relação à questão da dependência do dólar americano.

Desdolarizando o comércio internacional: um processo de longo prazo

A reação do Ocidente com rígidas sanções econômicas e políticas à Rússia (ver mapa abaixo), e sua configuração como imperativo antissistêmico, levou tanto Beijing como outros países, a se colocarem no lugar de possíveis alvos caso contrariem o centro sistêmico. Aliás, tanto o Irã como a Coreia do Norte já possuem essa experiência. Até mesmo Cuba.

As sanções possuem efeitos colaterais, pois afetam países que faziam comércio com as nações sancionadas, trazendo prejuízo de alguma forma. Ou seja: há que diminuir a dependência de um sistema controlado totalmente pelo Ocidente sob o ponto de vista estratégico, na perspectiva desses países.

Figura 1:



Source: <https://www.aljazeera.com/news/2023/2/16/mapping-where-every-country-stands-on-the-russia-ukraine-war>

Há algum tempo, várias nações vêm questionando a questão do dólar como principal moeda de troca internacional. Desde Bretton Woods o predomínio refletiu o aumento do poderio econômico e geopolítico dos EUA até os dias de hoje. Tal mecanismo permite um imenso poder a Washington em exercer sua influência global, além de poder financiar com tranquilidade os seus déficits econômicos.

Por outro lado, a utilização da moeda de um país para ditar o processo econômico global é, no mínimo, sem sentido à luz da lógica: por que o dólar e não outra moeda? A resposta nós sabemos. O imenso poderio militar de Washington desde o final da Segunda Guerra, o tamanho de sua economia, sua estabilidade política entre outros fatores, proporcionaram essa supremacia.¹⁰ Contudo, a realidade internacional está se transformando.

Com o declínio da primazia estadunidense e do atual ciclo sistêmico de acumulação, engendradas pelo enfraquecimento estrutural de Washington

¹⁰ Ver bom artigo de Kathy Jones. Will the U.S. Dollar Be Dethroned? April 4, 2023. <https://www.schwab.com/learn/story/will-us-dollar-be-dethroned> Acesso em 28/09/2024.

que já mencionamos, o padrão-dólar está sendo questionado. Quando se analisa o “enfraquecimento” do dólar, não é possível afirmar que em algumas décadas a economia mundial trocará esse padrão. Mas é perceptível que no longo prazo o dólar terá, pelo menos, a presença ao seu lado de outras moedas nas transações comerciais. E sua proeminência tenderá a ser muito menor. A análise sobre o tema não pode ser exclusivamente econômica, mas geopolítica também.

A China tem sido uma defensora da diminuição da importância do dólar no comércio internacional nos últimos anos e vem negociando commodities em sua moeda com vários parceiros comerciais, entre eles o Brasil e a Argentina, por exemplo. No âmbito do BRICS, o comércio bilateral vem procurando deixar em segundo plano o uso do dólar. Beijing vem oferecendo várias linhas de swap cambial para facilitar o uso do renminbi no seu comércio com outras nações. A preocupação de Beijing pode se expressada com:

O acordo mais retumbante foi o assinado em 2018 em renminbi e rublos para o fornecimento de gás russo à China pelo equivalente a cerca de US\$ 400 bilhões. Deve-se ter em mente que ela importa US\$ 250 bilhões em petróleo e outros US\$ 150 bilhões em commodities como aço, cobre, carvão e soja do resto do mundo todos os anos. Todas essas commodities são hoje avaliadas e comercializadas internacionalmente em dólares. Portanto, a China também tem que pagar por elas em moeda americana. O uso do renminbi, portanto, tornou-se uma prioridade estratégica para Pequim. O comércio em renminbi é feito intensivamente com os outros países do BRICS, mas mais em geral com as outras economias emergentes em todo o mundo (Raimondi 2023).

Ao mesmo tempo, o BRICS vem avançando em discussões para uma moeda compartilhada, fato que incentiva outras ações no mesmo sentido por outros países fora do centro sistêmico. Segundo o assessor do Kremlin, Yury Ushakov, em uma entrevista à agência russa de notícias TASS:

“Acreditamos que criar um sistema de pagamento independente do BRICS é uma meta importante para o futuro, que seria baseado em ferramentas de última geração, como tecnologias digitais e blockchain. O principal é garantir que seja conveniente para governos, pessoas comuns e empresas, bem como econômico e livre de política” (Singhi

2024).

A ferramenta é uma plataforma de pagamentos em blockchain que vem sendo elaborada e denominada de BRICS Bridge (plataforma de pagamentos multilateral). Ela conectaria os sistemas financeiros dos países-membros por gateways de pagamentos para liquidações nos bancos centrais (Nasdaq 2024).

Em agosto de 2024, a senadora russa Valentina Matviyenko comunicou que o novo sistema de pagamentos já estava sendo testado em fase avançada em todos os países membros.¹¹ Também afirmou que o “BRICS Bridge, novo meio de pagamento digital, será uma bomba mundial, no bom sentido” caso funcione. Segundo informações russas, 159 países poderiam utilizar o meio de pagamento digital (Bertolucci 2024). A Rússia ocupa a presidência rotativa do agrupamento desde fevereiro de 2024, e está se dedicando ao projeto cujo pano de fundo é atenuar os efeitos das sanções ocidentais.¹² O tema foi debatido na Cúpula do BRICS em Kazan.

Por outro lado, uma “moeda BRICS”, para os especialistas, traria benefícios intraorganização, como o fortalecimento da integração, a diminuição do dólar como moeda global de reserva e de comércio, a queda nos índices de riscos de volatilidade global associados a atos unilaterais por parte do Ocidente, bem como incentivar países a se organizarem em alianças para o desenvolvimento de moedas regionais (Pistilli 2024). Na prática temos uma tendência de mudança na dinâmica comercial, mas isso não pode refletir um cenário “catastrófico” no curto e médio prazo para o dólar.

Cerca de 90% do comércio internacional na atualidade é feito por meio da moeda estadunidense. Quando abordamos comércio de petróleo, por exemplo, o uso do dólar atinge quase 100%. Em 2023, cerca de um quinto da venda de petróleo tinha ocorrido em dólar. Alguns especialistas apontam que o que poderá ocorrer na prática será a existência de outras moedas concorrentes ao dólar, e o surgimento de dois sistemas financeiros no futuro, a saber: um dolarizado e outro não dolarizado (Jones 2024). Vale lembrar que a moeda estadunidense representa 60% das reservas internacionais e 80% das transações no mercado financeiro.

Outras moedas nacionais estão sendo utilizadas no comércio e nas

11 Segundo a senadora russa, “BRICS Bridge, novo meio de pagamento digital, será uma bomba mundial, no bom sentido”. <https://livecoins.com.br/sistema-de-pagamentos-do-brics-sera-bomba-global/> 19/08/2024. Acesso em 02/09/2024.

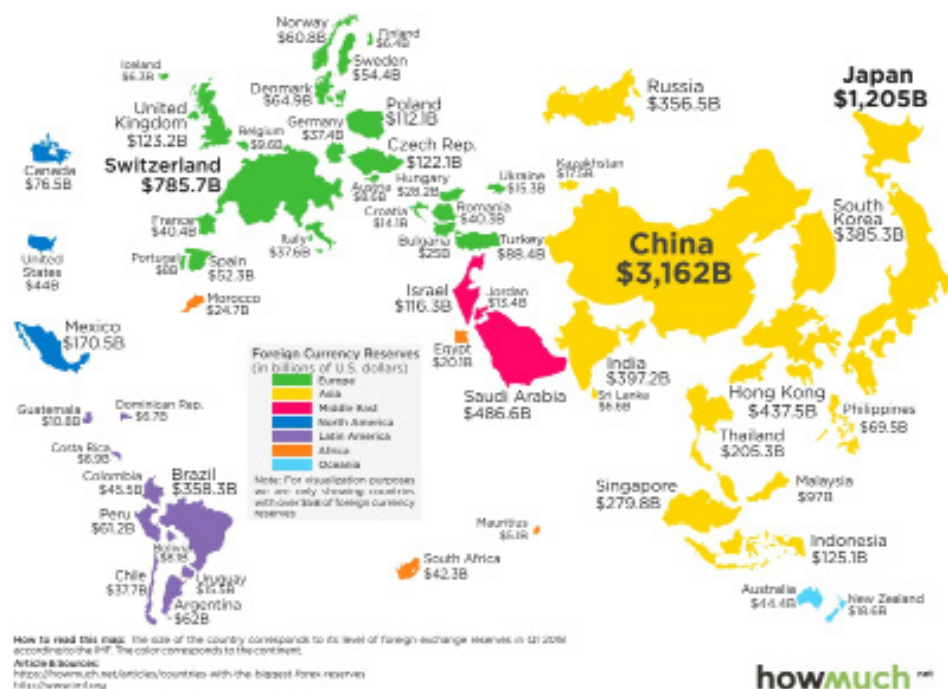
12 BRICS Pay (<https://brics-pay.com/>). Acesso em 03/09/2024. Ver também a utilização de criptomoedas por Moscou em Rússia planeja lançar duas corretoras de criptomoedas e stablecoin de moedas do BRICS. 23/08/2024, <https://livecoins.com.br/russia-planeja-lancar-duas-corretoras-de-criptomoedas-e-stablecoin-de-moedas-do-brics/> Acesso em 02/09/2024.

reservas internacionais (ver Figura 2). O euro ocupa o segundo lugar como moeda de reserva internacionalmente. A China, com o renminbi, vem avançando como reserva pelos bancos centrais ao redor do mundo, apesar de representar menos de 3%. Aparecem ainda como moedas de reserva a libra esterlina, o franco suíço e o iene japonês.

Apesar deste cenário favorável para a moeda estadunidenses na atualidade, ele deve ser visto também sob uma perspectiva diferente. A ideia de países trabalharem na direção de novas alternativas para o dólar já demonstra que algo mudou no cenário econômico internacional. A transformação já está acontecendo e isso é um fato. Mesmo que seja irrisório sob o ponto de vista estatístico no momento.

Outro membro do BRICS, a Índia também está se preparando para ter a sua moeda, a rúpia, atuando nos mercados internacionais. E a leitura de Nova Délhi é a mesma dos chineses e russos: a necessidade de diminuir o peso do dólar nas transações comerciais. As sanções econômicas ocidentais, além de prejudicar os países punidos, também criam um “efeito cascata” ao prejudicar o seu comércio com esses países, como já mencionamos anteriormente. Irã e Venezuela, por exemplo, já foram outrora parceiros comerciais da Índia no fornecimento de petróleo bruto. A solução para esses problemas passa pela diminuição do uso da moeda estadunidense (Raimondi 2023).

Figure 2: The Countries with the Most Foreign Currency Reserves (2018)



Source: <https://www.visualcapitalist.com/countries-most-foreign-currency-reserves/>

O economista italiano Paolo Raimondi em artigo intitulado BRICS: The role of the unit of account for the new “basket of currencies” (2023), escrito para o site Indian Foundation, adverte que o debate sobre o surgimento de moedas concorrentes ao dólar já vem ocorrendo nos EUA, mesmo sem conseguir uma ampla divulgação pela mídia, segundo ele. Raimondi cita o filho do lendário economista John Kenneth Galbraith (1908-2006), o também economista James Kenneth Galbraith, que fez a seguinte indagação: “Os EUA podem sobreviver à ascensão de um mundo multipolar?” em seu artigo publicado pelo Institute for New Economic Thinking.

Em seu texto, Raimondi diz que James Galbraith assinala que os EUA conseguiriam sobreviver, acrescentando que “não sem uma convulsão política, estimulada pela inflação e recessão e por um mercado de ações em declínio no curto prazo e, finalmente, por demandas por uma estratégia realista em sintonia com o atual equilíbrio global de poder”. E que “a ordem baseada no dólar tem sido sustentada até agora principalmente pela instabilidade em outros lugares e pela falta de uma alternativa confiável” (Raimondi 2023). A

Guerra da Ucrânia está acelerando a mudança econômica pela necessidade dos países em alterar o domínio do dólar nas transações comerciais.

Além do processo de diminuição do uso do dólar como única moeda de comércio internacional, o BRICS, com a sua expansão, aumenta a sua influência no cenário geopolítico internacional. Vamos analisar essa expansão e suas consequências para o sistema internacional.

De single para plus: BRICS aumenta a sua importância geopolítica

A expansão do BRICS para incluir outros membros, conhecida como BRICS Plus, marca uma evolução significativa em seu papel no cenário mundial. Essa inclusão amplia a influência geográfica e econômica da coalizão, ressaltando seu desafio ao tradicional domínio euro-atlântico.

A 15ª Cúpula do Brics em Joanesburgo (2023) marcou a expansão do número de seus membros e de sua área geográfica de atuação. A transformação do BRICS em um grupo BRICS Plus, incluindo Arábia Saudita, Egito, Emirados Árabes Unidos, Etiópia e Irã, representou um sinal importante do novo cenário geoeconômico e geopolítico internacional no século XXI.

A Argentina, sob o governo Javier Milei, não aceitou o convite para aderir ao agrupamento em 2024. Constatamos que, sob o ponto de vista estatístico, o BRICS torna-se um gigante geopolítico e econômico. Dos 10 maiores produtores de petróleo do mundo, seis estão no grupo, representando 42% do comércio mundial. Além disso, o BRICS detém 72% das reservas de minerais de terras raras do mundo. Em termos demográficos, a população do grupo passou de 41% para 46% da população mundial. O PIB, em termos de paridade de poder de compra, corresponde a 36% do total mundial. Estes são apenas alguns dos pontos que destacam a importância do BRICS.

Sauditas e chineses, por exemplo, já estão com importantes acordos econômicos assinados. Os dois países possuem projetos de grande envergadura, como o Iniciativa Cinturão e Rota da Seda, e o Visão 2030, dos sauditas, que incluem manufatura e desenvolvimento industrial, além de cooperação nos setores nuclear, bélico, novas energias (hidrogênio), e a construção de cidade de USD 500 milhões, que será chamada de “Neom”. A Huawei participa também com a rede 5G, mesmo com as objeções dos EUA. E um detalhe importante: Beijing oferecendo o renminbi como forma de pagamento para algumas transações.

O Egito, um membro plus, já pensa em emitir títulos em renminbi

para o mercado chinês. Outro fator que ajuda a moeda chinesa a ganhar mais peso internacionalmente é a Belt and Road Initiative que, aliada ao Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura, ajuda no projeto de Beijing.

O projeto geoeconômico chinês é importante no crescimento e aprofundamento do BRICS, sendo inclusive uma proposta do país desde 2017. O seu aumento – que a partir de agora é inevitável – aumentará a sua capacidade geopolítica de influenciar a economia internacional ao oferecer opções fora do centro sistêmico para o desenvolvimento do Sul Global e mercados emergentes.

A expansão do BRICS é um sinal claro do novo cenário geopolítico global, do qual os países de inúmeras áreas geográficas estão participando no atual momento das relações internacionais: novos pólos de poder estão se configurando e podem ser mais interessantes do que os “antigos”. E a lógica realmente parece ser essa com a nova expansão do BRICS – agora com “países parceiros” (participação limitada e sem direito a voto) aprovados na XVI Cúpula o BRICS em Kazan: Turquia, Indonésia, Bielorrússia, Cuba, Bolívia, Malásia, Uzbequistão, Cazaquistão, Tailândia, Vietnã, Nigéria, Uganda e Argélia.

Por outro lado, não podemos esquecer dos próprios projetos geopolíticos de Moscou e Beijing na expansão do agrupamento, algo que vem sendo muito debatido entre os especialistas na transformação do BRICS. Fala-se em um bloco “antiocidental” pelos dois países, “proposta” que não é defendida por brasileiros e indianos, por exemplo.

Conclusão

Como já salientamos, a Guerra da Ucrânia tornou-se um marco importante nas relações internacionais ao acelerar processos que já estavam em curso, como o aumento da cooperação sino-russa e o início do processo de enfraquecimento relativo do dólar no longo prazo. Por outro lado, é preciso ter em mente que a diminuição da importância da moeda estadunidense não correrá de maneira rápida.

O conflito russo-ucraniano está sendo importante para a criação de um ambiente de maior cooperação do Sul Global que não aceita mais os ditames políticos e geopolíticos do centro sistêmico, e ocorre simultaneamente à expansão da capacidade da China, no âmbito econômico, de oferecer mais vantagens aos seus parceiros – vantagens que o Ocidente não tem mais a capacidade ou não quer mais oferecer como antes. Será preciso, ao Ocidente, reconhecer que o processo de transição para outro polo ou polos é um fato.

Para grande parte da mídia a ocidental, o BRICS continua sendo visto somente como um acrônimo sem lógica alguma. Grande parte das análises ressaltam mais as assimetrias econômicas e geopolíticas, como o tamanho das economias, interesses geoeconômicos divergentes, rivalidades geopolíticas, do que as confluências que estão sendo adquiridas ao longo da última década.

Sabemos que tal processo está associado à ideia de não reconhecer o novo cenário que está sendo construído fora do centro sistêmico. Se, no passado, tivemos diferentes expressões de autonomismo a partir das lógicas de debate sobre a Guerra Fria e os desafios do desenvolvimento, hoje temos uma dinâmica diferente. O BRICS será um vetor determinante na superação do atual domínio do Ocidente em direção a outra Ordem Mundial como foco no Sul Global e nos seus próprios interesses.

Referências

- Abughris, Noura. A Brief History of Economic Sanctions. <https://www.carter-ruck.com/insight/a-brief-history-of-economic-sanctions/> Access: 5 Set. 2024.
- Alexander, Kern. 2009. "The Origins and Use of Economic Sanctions." In: Economic Sanctions. London: Palgrave Macmillan. https://doi.org/10.1057/9780230227286_2
- ARRIGHI, Giovanni. 1996. O Longo século XX. Rio de Janeiro: Contraponto.
- Bergeijk, Peter A.G. van (Ed.). 2021. Research Handbook on Economic Sanctions. Cheltenham, UK.
- Bertolucci, G. Sistema de pagamentos do BRICS será uma "bomba global", diz senadora russa. Disponível em: <<https://livecoins.com.br/sistema-de-pagamentos-do-brics-sera-bomba-global/>>. Accessed on: 5 Sep. 2024.
- Cortright, David & Lopez, George A. (eds). 2000. The Sanctions Decade: Assessing UN Strategies in the 1990s. Boulder: Lynne-Rienner Pub.
- Cortright, David & Lopez, George A. (eds). 2002. Smart Sanctions: Targeting Economic Statecraft. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers.
- Desjardins, J. Mapped: The Countries With the Most Foreign Currency Reserves. Disponível em: <<https://www.visualcapitalist.com/countries-most-foreign-currency-reserves/>>. Access em: 28 ago. 2024.
- Elliott, Kimberly Ann. Evidence on the Costs and Benefits of Economic Sanctions. (PIIE) October 23, 1997. <<https://www.piie.com/>

- commentary/testimonies/evidence-costs-and-benefits-economic-sanctions> Accessed on: 22 Sep 2024.
- EU Sanctions on Russia home. Disponível em: <<https://www.eifec.org/eu-sanctions-on-russia-home>>. Accessed on: 25 Aug. 2024.
- Henrique, HK. Rússia planeja lançar duas corretoras de criptomoedas e stablecoin de moedas do BRICS. Disponível em: <<https://livecoins.com.br/russia-planeja-lancar-duas-corretoras-de-criptomoedas-e-stablecoin-de-moedas-do-brics/>>. Accessed on: 5 Sep. 2024.
- Jones, K. Will the U.S. Dollar Be Dethroned? Available at: <<https://www.schwab.com/learn/story/will-us-dollar-be-dethroned>>. Access em: 25 set. 2024
- Katinas, P. June 2024 — Monthly analysis of Russian fossil fuel exports and sanctions – Centre for Research on Energy and Clean Air. Available at: <<https://energyandcleanair.org/june-2024-monthly-analysis-of-russian-fossil-fuel-exports-and-sanctions/>>. Access em: 5 set. 2024.
- Padover, Saul K. (Editor). 1942. Wilson's Ideals. Washington: American Council for Public Affairs.
- Pennaforde, Charles. As ilusões do Ocidente: não há como parar as transformações geopolíticas em curso. *Le Monde Diplomatique Brasil*. 13/09/2023. Available at: <<https://diplomatique.org.br/as-ilusoes-do-ocidente-nao-ha-como-parar-as-transformacoes-geopoliticas-em-curso/>>
- Pennaforde, Charles. 2020. Movimentos Antissistêmicos e Relações Internacionais – Uma perspectiva teórica para compreender o a atual sistema-mundo. Pelotas: Editora UFPel.
- Pennaforde, Charles. 2013. Movimentos antissistêmicos na América Latina: o caso venezuelano. Rio de Janeiro: CENEGRI.
- Pistilli, Melissa. How Would a New BRICS Currency Affect the US Dollar? (Updated 2024). Available at: <<https://www.nasdaq.com/articles/how-would-new-brics-currency-affect-us-dollar-updated-2024>>. 21 Aug. 2024
- Raimondi, Paolo. BRICS: The role of the unit of account for the new “basket of currencies”. Available at: <<https://indiafoundation.in/articles-and-commentaries/brics-the-role-of-the-unit-of-account-for-the-new-basket-of-currencies/>>. 26 Aug. 2024
- Ross, S. What It Would Take for the U.S. Dollar to Collapse. Available at: <<https://www.investopedia.com/articles/forex-currencies/091416/what-would-it-take-us-dollar-collapse.asp>>. 20 Aug. 2024

- Singh, A. BRICS Will Create Payment System Based on Digital Currencies and Blockchain: Report. Available at: <<https://www.coindesk.com/policy/2024/03/05/brics-will-create-payment-system-based-on-digital-currencies-and-blockchain-report/>>. Access em: 28 Oct. 2024.
- Stuenkel, Oliver. 2017. BRICS e o futuro da ordem global. São Paulo: Paz e Terra.
- The Council of the EU. EU sanctions against Russia. Available at: <<https://www.consilium.europa.eu/en/policies/sanctions-against-russia/>> Access em: 25 Aug. 2024.
- Wallerstein, Immanuel. 2004. O declínio do poder americano: os Estados Unidos em um mundo caótico. Rio de Janeiro: Contraponto.
- SINGH, A. BRICS Will Create Payment System Based on Digital Currencies and Blockchain: Report. Available at: <<https://www.coindesk.com/policy/2024/03/05/brics-will-create-payment-system-based-on-digital-currencies-and-blockchain-report/>>. Access em: 28 Oct. 2024.
- STUENKEL, Oliver. BRICS e o futuro da ordem global. São Paulo: Paz e Terra, 2017.
- The Council of the EU. EU sanctions against Russia. Available at: <<https://www.consilium.europa.eu/en/policies/sanctions-against-russia/>> Accessed on: 25 Aug. 2024.
- WALLERSTEIN, Immanuel. O declínio do poder americano: os Estados Unidos em um mundo caótico. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.

RESUMO

A Guerra da Ucrânia tornou-se um catalisador de importantes transformações geopolíticas e econômicas, desafiando a ordem global estabelecida, liderada pelos Estados Unidos e seus aliados. Este artigo analisa o conflito como um “imperativo antissistêmico”, uma resposta dos países afetados que colabora para uma mudança com importantes repercussões a médio e longo prazo. Utilizando a Análise de Sistemas-Mundo e o conceito de Ciclos Sistêmicos de Acumulação como quadros teóricos, argumentamos que as sanções econômicas contra a Rússia aceleraram o processo de afastamento dos países BRICS do dólar americano, demonstrando os riscos de depender de uma moeda única para o comércio internacional. O conflito também aumentou a cooperação entre os países que se opõem a hegemonia ocidental e abriu caminho para a expansão dos BRICS, que agora incluem a Arábia Saudita, o Egito, os Emirados Árabes Unidos, a Etiópia e o Irã. Este formato “BRICS Plus” aumentou significativamente a influência geográfica, demográfica e econômica do grupo, posicionando-o como um ator geopolítico relevante. Embora o processo de desdolarização ainda esteja na sua fase inicial, a utilização crescente de moedas e sistemas de pagamento alternativos assinala uma mudança significativa na ordem econômica mundial. O artigo conclui que a Guerra da Ucrânia acelerou os processos em curso, como o enfraquecimento relativo do dólar e o aumento da cooperação entre o Sul Global, contribuindo, em última análise, para a transição para uma nova ordem mundial multipolar.

PALAVRAS-CHAVE

BRICS, Sanções Econômicas, Guerra da Ucrânia, Imperativo Antissistêmico

Recebido em 9 de novembro de 2024

Aprovado em 22 de maio de 2025